

A PERSPECTIVA DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EaD)

Elizete Vieira Vitorino *

RESUMO

A natureza multidimensional da Educação a Distância (EaD) faz desta modalidade de educação um campo fértil para os estudos, envolvendo o aprendizado, a informação e o conhecimento. Ao mesmo tempo em que interação, autonomia, colaboração, informação e conhecimento são palavras soltas, também são significativas nesta modalidade de ensino na medida que estão em permanente transformação. Nessa “teia” de transformações, está inserida a educação, e, em particular, a EaD, envolta em tempos e movimentos que se influenciam mutuamente. A oportunidade, neste caso, se abre à resignificação das concepções mecanicistas sobre o conhecimento e a comunicação, criando possibilidades para que transformações ocorram no sistema educacional, articuladas com o conjunto de transformações sociais mais amplas. Por este ângulo, são apresentadas neste trabalho caracterizações e conceituações da competência informacional, bem como dos termos informação e educação para a competência informacional. O trabalho discorre sobre a aprendizagem contínua, a “presencialidade”, a flexibilidade, a “distancialidade”, a alfabetização digital e a interação no rol de possibilidades à construção do conhecimento. O que se pretende neste trabalho é desenvolver uma reflexão multidisciplinar e embrenhar esforços no sentido de concretizar a competência informacional na EaD. Para a EaD, a compreensão e incorporação desses conceitos e contextos é fundamental, pois a relação pedagógica que se estabelece nesta modalidade está imersa numa determinada cultura e por isso mesmo torna-se transformadora dessa mesma cultura. Por consequência, deve ser oportunizada aos sujeitos da educação a abertura para o desenvolvimento da competência informacional e para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Educação a Distância (EaD). Competência Informacional (*Information Literacy*). Construção do Conhecimento

* Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação da UFSC - Área de Organização e Tratamento da Informação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN/UFSC), linha de pesquisa Profissionais da Informação.

I INTRODUÇÃO

É numa complexidade sem precedentes na história da humanidade que vivenciamos o ritmo de mudanças muito mais veloz que no passado, tanto pela amplitude das mudanças como também pelas transições que estão se sobrepondo. Bonilla (2005), em suas

manifestações sobre essas transformações, aponta que ao mesmo tempo em que as mudanças são oriundas da cultura, levam-nos a um profundo reexame das principais premissas e valores de nossa cultura e dos modelos conceituais que explicavam e justificavam a forma como construíamos conhecimentos e nos relacionávamos.

Nessa “teia” de transformações está inserida a educação, e, em particular, a Educação a Distância (EaD). Não é surpresa que se fale em “encruzilhada de influências entre o global e o local”, bem como num “conjunto de espaços e tempos influenciados por determinantes do global, do nacional e do local” (BONILLA, 2005, p.71). A oportunidade, neste caso está, quando esses tempos e movimentos que se influenciam mutuamente e se abrem à ressignificação das concepções mecanicistas sobre o conhecimento e a comunicação, criando possibilidades para que transformações ocorram no sistema educacional, articuladas ao conjunto de transformações sociais mais amplo.

Para compreender a natureza multifacetária da Educação a Distância (EaD), adotaremos a seguinte definição: Educação a Distância é o aprendizado planejado que ocorre em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de ensino, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais (MOORE; KEARSLEY, 2007). Há ainda que acrescentar que os principais aspectos envolvendo esta modalidade de educação refere-se a aprendizado e ensino; aprendizado que é planejado e não acidental; aprendizado que ocorre em boa parte em lugar diferente do local de ensino e, comunicação por meio de diversas tecnologias.

O que se pretende neste trabalho é desenvolver uma reflexão multidisciplinar e embrenhar esforços no sentido de concretizar a *information literacy* na Educação a Distância (EaD). Trata-se, portanto de um esforço intencional de construção de conhecimentos em espaços não presenciais e semi-presenciais. Por este ângulo, são apresentados neste trabalho caracterizações e conceituações da *information literacy*, bem como sobre os termos informação e educação para a competência informacional. Para enfocar a competência informacional, o trabalho discorre sobre a aprendizagem contínua, a “presencialidade”, a flexibilidade, a “distancialidade”, a alfabetização digital e a interação no rol de possibilidades à construção do conhecimento.

2 A PERSPECTIVA DA INFORMATION LITERACY

Os estudos de Solla Price, nos anos 60, já demonstravam a tendência de crescimento

exponencial do conhecimento científico (ROSTAIN, 1996). Um dos resultados mais imediatos da explosão das informações é que a parte da informação daquilo que conhecemos fica desatualizada muito rapidamente e deve ser substituída por nova informação ou, ao menos, precisará de reposições frequentes. Metade daquilo que foi aprendido pelo aluno de Engenharia, Pedagogia ou Biblioteconomia, por exemplo, fica desatualizada 18 meses após a conclusão do curso (MOORE; KEARSLEY, 2007). Um efeito dessa expansão contínua da informação é que o processo de transformação da informação em conhecimento, isto é, o aprendizado, também precisa ser contínuo.

Mas Assmann (2000) acentua que a mera disponibilização crescente de informação não basta para caracterizar uma sociedade da informação, já que o mais importante é o desencadeamento de um vasto e continuado processo de aprendizagem. Por isso, para o autor, “é imprescindível promover o acesso universal à info-alfabetização e à info-competência” (ASSMANN, 2000). Assmann (2004) caracteriza essa sociedade de “aprendente”, pretendendo inculcar que a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas.

Fatores como estes (explosão informacional, implosão do tempo de comunicação, entre outros) afetam o acesso à informação que uma comunidade pode ter, além de influenciar na maior ou menor inclusão social e digital desta mesma comunidade. Mas isso só não é suficiente, pois o acesso pode não transformar a informação em conhecimento. Há que se estabelecer o que Le Coadic (2004) descreve como ciclo da informação: a permanente comunicação e uso da informação e a construção do conhecimento. Saber utilizar a informação para o conhecimento é o cerne da *information literacy*. É preciso, como constata Robredo (2003), revisitar a Ciência da Informação à luz dos sistemas humanos, pois para o autor “nada é menos seguro que o vocábulo ‘informação’ para todos os que utilizam ou dele ouvem falar”.

É neste turbilhão de complexas teias que se apresenta uma possibilidade de “porto seguro”, ao menos para as questões voltadas à construção do conhecimento: a *information literacy*, traduzida aqui por competência informacional. Ao se referir ao termo *literacy*, Bawden (2001) sugere

três conotações: a) uma simples habilidade de ler e escrever; b) possuir certa competência ou habilidade; e c) um elemento de aprendizado. Mas, *literacy* é, e sempre foi, um conceito relativo: ser competente em Honduras não é o mesmo que ser competente em Londres (BAWDEN, 2001). *Literacy* pode denotar uma habilidade mínima de decodificar material impresso; pode denotar uma consciência crítica das condições culturais, das normas éticas e do valor estético da palavra impressa. O conceito de *literacy* vai além de simplesmente poder ler; sempre significou ter capacidade de ler com significado e compreensão: é o ato fundamental da cognição.

Dito isto, pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam como aprender porque sabem como o conhecimento é organizado, como a informação é encontrada, e como a informação é usada. Este elo entre o conceito de *information literacy* e aprendizagem tem sido um tema consistente e tem fortemente ilustrado o significado do termo. Instituições educacionais de todo o mundo aconselham a incorporação da informação dentro dos currículos a fim de desenvolver a capacidade de localizar, de processar e de usar informação eficientemente e preparar indivíduos para aproveitar as oportunidades inerentes à sociedade global informatizada. Em consequência, a competência informacional deve ser parte de cada experiência educacional do estudante.

O paradigma da *information literacy education* (educação para a competência informacional) baseia-se no aprendizado como processo dialógico; na flexibilidade curricular, na valorização da pesquisa, da busca e do uso da informação em variadas fontes e formatos como processo de aprendizado que leve à compreensão do mundo e à educação continuada; baseia-se ainda na abordagem cooperativa, transdisciplinar, integrada; na apropriação de tecnologia e na sinergia de variados espaços de conhecimento; na contextualização social e pessoal do aprendiz, dos temas e problemas como condição de aprendizado; na valorização do pensamento crítico e do aprendizado ativo, independente e auto-orientado (DUDZIAK, 2003).

A competência informacional envolve a construção do conhecimento, a partilha, ou seja, o compartilhamento de informações, a integração de ferramentas e técnicas, bem como habilidades de comunicação, capacidades estas, inerentes a EaD.

3 EAD COM ÊNFASE NA INFORMATION LITERACY (COMPETÊNCIA INFORMACIONAL)

Diante da diversidade de clientela, possibilitada pela EaD, é preciso atenção para valorizar as diferenças, estimular idéias, opiniões e atitudes, desenvolver a capacidade de aprender a aprender e de aprender a pensar, assim como levar o aluno a obter o controle consciente do aprendido e saber aplicá-lo noutro contexto (LANDIM, 1997, p.56). Essa é a essência da competência informacional (*information literacy*): segundo Varela (2006), como um movimento, a competência informacional alcançou dimensões mundiais e atualmente volta-se para o aprendizado como processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais, comportamentais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica.

Para Dudziak (2003), a estruturação de uma educação que privilegie a competência informacional (*information literacy education*) não é questão simples: demanda planejamento, engajamento e deve ser considerada sistematicamente. Ao se desenvolver projetos pedagógicos voltados para a competência informacional, torna-se necessário repensar crenças, práticas e partir para a ação. Reforçando esta questão e tratando especificamente da Internet, Le Coadic (2004, p. 112) lembra que este é um ambiente de informação complexo para quem não tem familiaridade ou capacitação na busca e recuperação da informação. Tal montante de informação, segundo este autor, leva a que se proponham questões sobre as habilidades necessárias para aprender a se informar e aprender a informar, sobre onde adquirir a informação. O autor ainda chama a atenção de que essa aprendizagem é totalmente inexistente no sistema de ensino.

Respeitando a complexidade da EaD (PASSARELLI, 2007) e a natureza multifacetária do fenômeno da competência informacional (BRUCE, 1999), as categorias que se destacam na construção de uma metodologia para a EaD com foco na integração e colaboração e objetivando a construção do conhecimento dos alunos pode ser dividida em categorias primárias e categorias secundárias.

Os dois níveis de categorias são assim caracterizados: as categorias primárias estão representadas por aluno, professor, conteúdo e equipe de suporte. Estas são essenciais e agrupam as demais categorias. Já as categorias secundárias implementam as categorias primárias. Algumas categorias secundárias estão em evidência e representam a competência a ser desenvolvida na modalidade de EaD (VITORINO, 2004; 2006):

- a) aprendizagem contínua (*lifelong learning*) - estimula a auto-aprendizagem, permitindo um desenvolvimento pessoal contínuo dos indivíduos, conferindo-lhes maior autonomia (premissa que define uma prática educativa voltada à educação continuada no ensino superior);
- b) “presencialidade” - professores e alunos estarão face-a-face em alguns momentos da disciplina, pois é imprescindível a garantia de momentos presenciais ricos em conhecimento, integração e colaboração;
- c) flexibilidade - permite maior disponibilidade e ritmos de estudo diferenciados e minimiza as barreiras de espaço e tempo;
- d) “distancialidade” - dá origem a métodos e formatos de trabalho mais abertos, que envolvem a partilha de experiências;
- e) alfabetização digital (*digital literacy*) - exige formação mínima quanto aos procedimentos iniciais para o bom aproveitamento dos recursos tecnológicos e promove a experimentação e a familiarização com a tecnologia e com novos serviços telemáticos;
- f) interação - proporciona (nos momentos presenciais e nos momentos a distância) uma relação humana alunos/professor que se assemelha a uma sala de aula.

Sobre essas categorias secundárias em evidência, o texto dos itens seguintes procurará mostrá-las na sua especificidade.

4 CATEGORIAS A SEREM DESENVOLVIDAS NA EAD

Se as informações hoje podem ser acessadas com maior facilidade nas TICs, cabe a EaD atribuir-lhes significado. Ao desenvolver

as categorias a seguir que se cruzam entre aluno e professor, torna-se possível concretizar o movimento da competência informacional.

4.1 Aprendizagem contínua

Na visão de Behrens (2002, p.70) “o novo desafio das universidades é instrumentalizar os alunos para um processo de educação continuada que deverá acompanhá-lo em toda sua vida”. Isso significa que o professor precisa repensar a prática pedagógica, ou seja, ultrapassar a visão de que pode ensinar tudo aos alunos. Este objetivo exige o domínio dos modos de produção do saber na respectiva área, de modo a criar as condições necessárias para o permanente processo de educação continuada (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO *apud* BEHRENS, 2002, p.70).

Para garantir esses princípios, as instituições de ensino superior devem rever os paradigmas que têm sustentado suas ações, sobretudo em termos de sua abrangência e significado social, desenvolvendo projetos; pesquisa e análise crítica de textos; *sites* na respectiva área de conhecimento; biblioteca virtual; biblioteca local; pesquisa de material; discussão assíncrona e interações assíncronas; discussão síncrona e interações síncronas; aulas usando *chat*; contatos telefônicos; monitoria e tutoria em laboratório; contatos com colegas.

4.2 “Presencialidade”

Redimensionar uma metodologia oferecida na modalidade presencial demanda contemplar atividades que ultrapassem os limites (paredes, laboratórios e muros) da universidade (BEHRENS, 2002, p.76), isto significa EaD onde coexistam espaços virtuais e presenciais, dentro e fora da sala de aula, contatos pela rede do(s) aluno(s) para o professor, do professor para o(s) aluno(s) e dos alunos entre si.

Na “presencialidade”, o que se almeja para o aluno, corroborando com as palavras de Perrenoud (2002, p.20) é: a) que os referenciais de competência sejam orientados essencialmente para as práticas efetivas de ensino e sua dimensão reflexiva; b) um lugar importante concedido aos saberes da e sobre a prática, para equilibrar o peso dos saberes a serem ensinados ou dos saberes eruditos descontextualizados; b) uma formação que seja ao mesmo tempo universitária

e profissional, livre do academicismo clássico; uma formação que alterne, desde o início, uma forte articulação entre teoria e prática. Só assim, “os alunos passam a ser descobridores, transformadores e produtores do conhecimento” (BEHRENS, 2002, p.75).

Para isso, uma metodologia para EaD deve partir do levantamento das aptidões e competências que o professor pretende desenvolver com seus alunos. Tal atitude visa tornar os alunos aptos a atuar como profissionais em suas áreas de conhecimento. Só assim, será possível ampliar as bases científicas da EaD e também de não a mistificar, desenvolvendo, assim, formações que articulem racionalidade científica e prática reflexiva, como duas faces da mesma moeda (PERRENOUD, 2002, p.16).

4.3 FLEXIBILIDADE

Moran, Masetto e Behrens (2002) nos fornecem subsídios para instrumentalizar a educação semi-presencial com mecanismos que reforcem a flexibilidade, tanto no professor quanto no aluno:

[...] avançaremos mais se soubermos adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se conseguirmos transformar o curso em uma comunidade viva de investigação, com atividades de pesquisa e de comunicação. Com a flexibilidade, procuramos adaptar-nos às diferenças individuais, respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, integrar as diferenças locais e os contextos culturais.

Também nesta mesma linha de raciocínio, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras (FÓRUM..., 2002) fez um comentário que elucida as questões que envolvem a flexibilidade acadêmica: “diferentemente da compreensão adotada pelo paradigma instituído, que concebe o tempo fora de uma temporalidade, constituída por um sujeito em sua existência real, a educação deve buscar uma compreensão de que o tempo é o tempo de cada um.” Assim, é possível o acompanhamento individualizado de cada um dos alunos, respeitando-se as diferenças e ritmos de aprendizagem. Ao respeitar o tempo/espaço do aluno do ensino superior, a educação tem

maior possibilidade de se desenvolver associada à realidade deste aluno. Isto implica integrar as características específicas dos alunos como elementos essenciais à proposta pedagógica e didática, o que exige o conhecimento dessas características, esforço de inovação e grande flexibilidade acadêmica.

Para este fim, mecanismos de flexibilidade devem ser utilizados: projetos coletivos, discussão síncrona e assíncrona, entre outros.

4.4 “DISTANCIALIDADE”

É preciso estar atento quanto à perspectiva “a distância” na EaD, pois enquanto são discutidas questões oportunas e importantes relacionadas à EaD como a definição do papel do professor, a realização de aulas síncronas ou assíncronas, o uso da Internet, o uso de videoconferência e outras mais, ocorre a evolução lenta e gradual do uso da informação digital como recurso de apoio às atividades de ensino. A questão da “distancialidade”, ou do preparo para estudar a distância ainda não está de todo resolvida.

Essa questão está inserida em outra mais abrangente: a que transformará (ou está transformando) o ensino presencial em ensino a distância. Pode-se atribuir, em grande parcela, ao desenvolvimento da rede mundial de computadores, a Internet, a influência pelas transformações do paradigma educacional no período atual.

O uso da Internet auxilia este processo, potencializando a aprendizagem cooperativa, possibilitando a troca de informações, minimizando as barreiras geográficas e temporais, e oferecendo diversos recursos de multimídia e de interação que podem ser utilizados para estimular o aprendizado.

Para compreender e vencer as barreiras do paradigma “a distância” é preciso oferecer recursos multimídia para enriquecer o aprendizado e trabalhar com o professor e grupo de alunos com novas tecnologias, como a Videoconferência, *chat*, fóruns, listas de discussão, entre outros.

4.5 Alfabetização digital

Movimentos em torno da alfabetização digital ensejam que as TICs, enquanto elementos

de cultura, e não meros aparatos tecnológicos, estão a serviço da mesma educação, da mesma cultura, da mesma economia (PRETTO, 2005). O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras, o ForGRAD reforçou que é imprescindível, no mundo contemporâneo e nas universidades, uma educação para a tecnologia. As novas tecnologias de informação e comunicação atingem, de forma diversa e com diferentes intensidades, todas as camadas sociais, em quase todo o planeta, fazendo surgir novas formas de pensar e de apreender o mundo (FÓRUM..., 2002). A disseminação das tecnologias tende a agravar as desigualdades sociais e regionais, excluindo de seus benefícios parcelas consideráveis da população mais pobre dos países pobres e ricos. Cabe, então, aos sistemas educacionais a tarefa de integrar essas tecnologias ao seu ensino, estimulando assim seu uso crítico e criativo.

Assim, as instituições de ensino superior (IES) que incorporarem o uso das novas tecnologias nas suas práticas pedagógicas, estarão possibilitando aos seus alunos uma vivência atualizada e contemporânea em relação aos avanços tecnológicos e poderão, também, ser utilizadas como um dos meios para a ampliação do processo de democratização da educação, com destaque muito especial para a formação de professores, mediação fundamental para evitar o surgimento de “ciberanalfabetos” (FÓRUM..., 2002).

Para que a alfabetização digital se efetive, mecanismos fazem-se necessários: desenvolver parcerias com organismos experientes em EaD, conhecer e saber utilizar ferramentas e ambientes de implementação de aplicações interativas voltados para a WEB e conhecer fundamentos básicos sobre o uso de computadores.

4.6 Interação

Toda aprendizagem colaborativa demanda uma postura cooperativa (MAÇADA; TIJIBOY *apud* BEHRENS, 2002, p.106). Diante dessa premissa, a palavra-chave na EaD é a negociação. Isso requer tomada de decisões em grupo, troca e conflitos sócio-cognitivos, consciência social, reflexão individual e coletiva, tolerância e convivência com as diferenças, responsabilidade do aluno pelo seu aprendizado e pelo do grupo, ou seja, constantes negociações

e ações conjuntas e coordenadas. “A negociação conjunta das atividades a serem realizadas pressupõe que os alunos terão voz e voto e que o consenso deverá ser atingido pelo grupo com o intuito de responsabilizá-los pelo sucesso ou pelo fracasso da proposta.” (BEHRENS, 2002, p.106). Nesse sentido, percebe-se que surge uma nova relação entre professor e aluno não mais pautada na hierarquia e centralidade do saber, como ocorria – e ainda ocorre – no ensino presencial tradicional.

Aí se apresenta a diferença entre interação social e interatividade. Enquanto a interação pode ser caracterizada por relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores ou entes, cada fator alterando o outro e a si próprio e também a relação existente entre eles, a interatividade pode ser compreendida como um diálogo entre homem e máquina, através de interfaces gráficas – termo este que surgiu no bojo das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (PICANÇO et al., 2005).

Para favorecer a interação, num ato de troca, sem se limitar à interatividade digital, mas sim promover a abertura para mais comunicação, troca e participação, a EaD precisa proporcionar mais e melhores interações nas relações presenciais ou virtuais. Isso se dá pelo estabelecimento de vínculos e fomentação de intercâmbio no ambiente de aprendizagem (AVA) por meio de quadro de avisos, atividades de reflexão, fornecimento de bibliografia complementar e acesso à biblioteca local ou virtual, realização de fóruns temáticos e surpreendentes, mecanismos de conversa com o professor (do tipo “contato” com tutor e professor), *chat*, galerias para publicação de materiais personalizados e do grupo – recados, fotos etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a aprendizagem contínua, a “presencialidade”, a flexibilidade, a “distancialidade”, a alfabetização digital e a interação se desenvolvam plenamente na modalidade de EaD, torna-se mister o empenho dos educadores em direção a um projeto educacional voltado à competência informacional. Dudziak (2003), baseada em seus estudos, assim evidencia as características desse projeto que possibilite a construção do conhecimento:

- a) formação totalizante do aluno;
- b) aprendizado significativo;
- c) aprendizado participativo;
- d) aprendizado contextualizado;
- e) interatividade;
- f) aprendizado cooperativo;
- g) aprendizado pró-ativo; e
- h) educação continuada.

O movimento transformador da educação para a competência informacional exige mudanças no modo de pensar e nas crenças e valores dos educadores, responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento. Por outro lado, a estruturação de uma educação que privilegie a competência informacional (*information literacy education*) não é questão simples: demanda planejamento, engajamento

e deve ser considerada sistematicamente. Ao se desenvolver projetos pedagógicos com foco no desenvolvimento da competência informacional, torna-se necessário repensar crenças, práticas e partir para a ação. Desenvolver a aprendizagem contínua, a “presencialidade”, a flexibilidade, a “distancialidade”, a alfabetização digital e a interação é uma possibilidade real para a construção do conhecimento.

Para a EaD, a compreensão e incorporação desses conceitos e contextos é fundamental, a medida que a relação pedagógica que se estabelece nesta modalidade está imersa numa determinada cultura e por isso mesmo torna-se transformadora dessa mesma cultura. Por consequência, deve ser oportunizada aos sujeitos da educação – alunos e professores, primordialmente – a abertura para o desenvolvimento da competência informacional.

INFORMATIONAL COMPETENCE PERSPECTIVE IN THE DISTANCE EDUCATION

ABSTRACT

The multidimensional nature of the Distance Education makes this modality of education a prosperous field for studies, including learning, information and knowledge. At the same time that the words interaction, autonomy, collaboration, information, and knowledge do not seem to be related, they are extremely significant to this educational modality for they are in permanent transformation. In this “web” of transformations, education is tied, particularly, when it concerns Distance Education. The opportunity, in this case, lies on the possibilities of given new meanings to some mechanicist concepts of knowledge and communication, enabling transformations to occur in the educational system, linked to broader social transformations. Based on this view, it is presented here some characterizations and conceptualizations about informational competence and about the terms information and education towards an informational competence. This paper is concerned with continuous learning, “presentiality”, flexibility, “distantiality”, digital literacy, and interaction in a range of possibilities to build up knowledge with the objectives of developing a multidisciplinary reflection and making efforts in order to consolidate the informational competence in the Distance Education. For the Distance Education, the understanding and incorporation of those concepts and contexts are essential, since the pedagogical relationship that establishes in this modality of education is in the core of a given culture, and, for this reason, becomes a transforming factor for such culture. As a consequence, such understanding and incorporation of concepts and contexts should lead the individuals to the development of informational competence and to the construction of knowledge.

Keywords: *Distance Education. Informational Competence. knowledge Construction.*

Artigo recebido em 05/07/2008 e aceito para publicação em 28/03/2009

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.7-15, maio/ago. 2000.
- _____. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente - com glossário e conceitos**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BAWDEN, David. Information and digital literacies: a review of concepts. **Journal of Documentation**, v.57, n.2, p. 218-259, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewPDF.jsp?Filename=html/Output/Published/EmeraldAbstractOnlyArticle/Pdf/2780570203.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2007.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.;
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. (Coleção Papirus Educação).
- BONILLA, Maria Helena Silveira. A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no século XX. In: PRETTO, Nelson De Luca (org.). **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005. (Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, v. 1)
- BRUCE, Christine Susan. Workplace experiences of information literacy. **International Journal of Information Management**, v.19, n.1, p.33-47, 1999. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science>> . Acesso em: 14 mar. 2007.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information Literacy: princípios, filosofia e prática*. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/>>. Acesso em: 03 mar. 2006.
- FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS (ForGRAD). Disponível em: <<http://prograd.ufpr.br/forgrad/>>. Acesso em: 11 out. 2002.
- LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à Distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1997.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004.
- MOORE, Michael, KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007. (Edição especial da Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED).
- MORAN, José Manuel; MASETTO Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002. (Coleção Papirus Educação).
- PASSARELLI, Bráscia. **Interfaces digitais na educação: @lucina[ções] consentidas**. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PICANÇO, Alessandra de Assis et al. Interatividade: conceitos e desafios. In:
- PRETTO, Nelson De Luca (org.). **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005. (Coleção Educação, Comunicação e Tecnologia, v. 1)
- ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.
- ROSTAIN, H. **La bibliométrie et ses techniques**. Sciences de la Société. Toulouse, 1996. 131p.
- VARELA, Aida Varela. A explosão informacional e a mediação na construção do conhecimento. In: MIRANDA, Antônio, SIMEÃO, Elmira (orgs.). **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília, DF : Universidade de Brasília (UnB). Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. (Série Comunicação da Informação Digital, v.4).
- VITORINO, Elizete Vieira. **Metodologia de ensino via educação a distância (EaD) - integradora e colaborativa - para o ensino superior, baseada na percepção dos alunos (MAPICes)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção - PPGE. UFSC, 2004.
- _____. **Educação a Distância (EaD) na percepção dos alunos**. Itajaí: Ed. da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, 2006.